

INTERSECCIONALIDADE NA FORMAÇÃO EM SAÚDE: LACUNAS CURRICULARES E INIQUIDADES NO CUIDADO NA ATENÇÃO BÁSICA

Interseccionalidade; Educação em saúde; Atenção Primária à Saúde

Introdução

A formação em saúde no Brasil historicamente privilegia uma lógica eurocentrada, invisibilizando determinantes sociais e reproduzindo a colonialidade do saber. A interseccionalidade surge como ferramenta analítica indispensável para compreender a sobreposição de vulnerabilidades que moldam experiências de opressão no Sistema Único de Saúde (SUS). Contudo, a ausência de sua abordagem no ensino superior limita a sensibilidade social dos profissionais, convertendo serviços em espaços de violências institucionais. Este trabalho justifica-se pela vivência de uma enfermeira residente, evidenciando o manejo precário dessas questões na prática. O objetivo é relatar e analisar de que modo a lacuna formativa sobre interseccionalidade, reflexo da ínfima presença desta temática nos currículos de graduação, compromete a competência analítica dos profissionais, resultando em condutas discriminatórias e no agravamento das desigualdades no acolhimento dos usuários da atenção básica.

Métodos

O estudo, de natureza qualitativa, envolveu 22 docentes que atuam na interface entre saúde e relações raciais em instituições da Região Centro-Oeste. A coleta utilizou a técnica de bola de neve e busca ativa. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 88444325.0.0000.5540), em conformidade com as resoluções vigentes. Adicionalmente, utilizou-se a metodologia do relato de experiência de forma sistematizada para cruzar os dados teóricos obtidos com a vivência prática da pesquisadora no cotidiano de uma Unidade Básica de Saúde. Não há conflitos de interesse a declarar.

Resultados / Discussão

Os resultados demonstram que, embora haja um certo respaldo teórico em referenciais feministas negros no cotidiano de algumas graduações de saúde, a abordagem da interseccionalidade na graduação é escassa. O debate está estritamente vinculado à militância de uma minoria de docentes negros, resultando em uma formação que ignora as opressões cruzadas. Essa lacuna estrutural impacta diretamente a assistência: a falta de preparo técnico gera julgamentos estereotipados contra mulheres negras, tratamento hostil a usuários em situação de rua e barreiras atitudinais contra a comunidade LGBTQIAPN+. Ao desconhecerem a interseccionalidade, os profissionais substituem o acolhimento por barreiras protocolares rígidas, perpetuando microviolências e a desassistência. A escassez de docentes capazes de abordar essa temática na academia reflete-se diretamente na negligência assistencial, consolidando iniquidades na porta de entrada do sistema.

Considerações Finais

A carência de formação crítica nas universidades impede a consolidação da equidade. É imperativo que as instituições reformulem matrizes curriculares, inserindo a interseccionalidade no centro do ensino, e que a gestão invista em educação permanente. Somente com a superação dessa lacuna formativa será possível garantir um cuidado humanizado e despojado de preconceitos implícitos no SUS.

Imagens Anexas



Imagens geradas por IA



Imagens geradas por IA

Link Adicional



Referência Bibliográfica

SAGAZ, Lucas Santiago; GOMES, Adrielle; LEITE, Caroline Do Nascimento; RODRIGUES, Daisy Cristina; MORAES, Aluana; VIEIRA, Juliana Cristina Cataneo. Percepção dos profissionais de saúde sobre o atendimento à comunidade LGBTQIAPN+ na atenção primária. Cuadernos de Educación y Desarrollo, [S. l.], v. 17, n. 12, p. e10353, 2025. ISSN: 1989-4155, 1989-4155. DOI: 10.55905/cuadv17n12-069. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/10353>. Acesso em: 23 jul. 2026